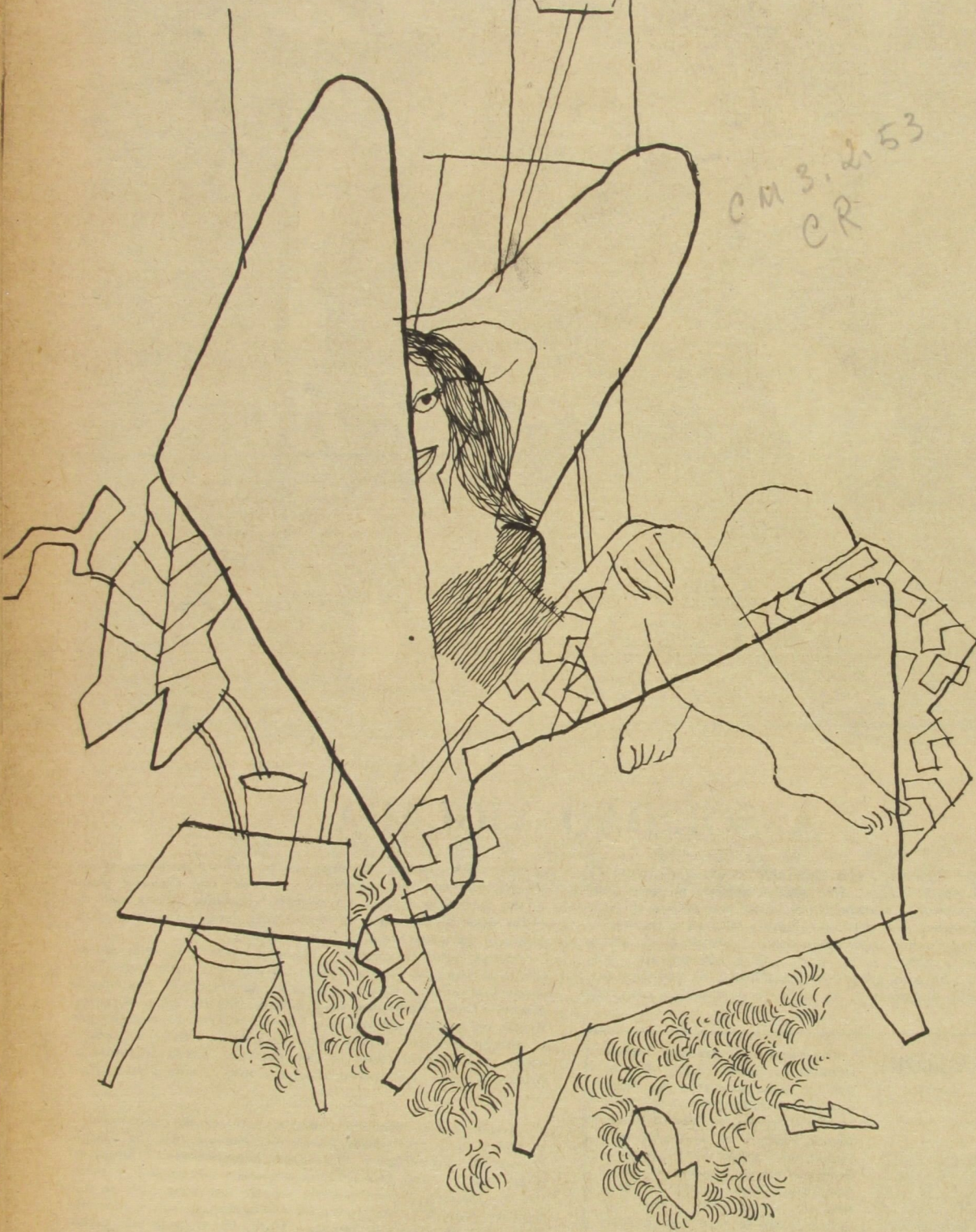


de Rubem Braga

DESENHOS DE CARLOS THIRÉ



## MADRUGADA

Todos tinham-se ido, e eu dormi. Mesmo no sonho me picava como um inseto venenoso, a presença daquela mulher. Via os seus joelhos dobrados; sentada sobre as pernas, na poltrona, descalça; ela ria e falava alguma coisa que não podia perceber, mas era a meu respeito. Eu queria me aproximar; ela ria e falava alguma coisa que não podia perceber, mas era a meu respeito. Eu queria me aproximar; ela e a poltrona recuavam, passavam sob outras luzes que brilhavam em seus cabelos e em seus olhos.

E havia muitas vozes de homens e de outras mulheres, ruído de copos, música. Mas isso tudo era vago: eu fixava a jovem mulher da poltrona, atento ao jôgo de sombra e luz em sua testa, em sua garganta, nos braços; seus lábios moviam-se, eu via os dentes brancos, ela falava alegremente. Talvez fôsse alguma coisa dolorosa para mim, eu percebia trechos de frases, mas ela estava tão linda assim, sentada sobre as pernas, os joelhos dobrados parecendo maiores sob o vestido leve, que o prazer de sua visão me bastava; uma luz vermelha corou seu ombro esquerdo, desceu pelo braço como uma carícia, depois chegou até o joelho. Eu tinha a idéia de que ela zombava de mim, mas ao mesmo tempo isso não me doía; sua imagem tão viva era tôda minha, de meus dois olhos, e isso ela não me negava, antes parecia ter prazer em ser vista, como se meus olhos lhe dessem mais vida e beleza, uma secreta pal-pitação.

Mas agora todos tinham sumido. Ergui-me, fui até a varanda, já era madrugada. Sobre o nascente, onde a barra do dia ainda era uma vaga esperança de luz, havia nuvens leves, espalhadas em várias direções, como se durante a noite o vento tivesse dançado no ar. Depois aos poucos foi se acendendo um carmesim, e sob êle o mar se fez quase verde. Eu ouvia a pulsação de um motor; um pequeno barco preto passava para oeste, como se quisesse procurar as sombras e precisasse pescar na penumbra. Imaginei a faina dos homens lá dentro, tomando café quente na caneca, arrumando suas rédes, as mãos calosas puxando cabos gros-

## INFÂNCIA

SYLVIO DA CUNHA

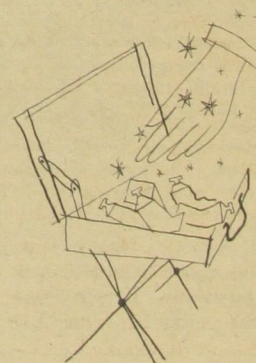
NOTA: Sylvio da Cunha, que é inspetor de ensino, vive em Petrópolis; é um fotógrafo amador de estranha e finíssima sensibilidade. O poema que aqui transcrevemos é de seu livro "Caco de Vidro", belamente ilustrado por êle mesmo, e cuja edição foi de apenas 32 exemplares. Seus livros anteriores, também em edições reduzidíssimas, são "Constança" (1942) e "Memória da Passagem do Anjo" (1944).

O apito do trem desencadeia os segredos da noite acorda lembranças  
[no fundo dos ecos

A rosa que pousou no cabelo e ficou no cristal do tempo  
Os olhos cortam a parede transparente sobre o mundo vasto  
[multiplicado

A caixa de pintura da tia Violeta tingiu meus dedos para  
[sempre de sonho

Meu alazão atravessa a noite colorida  
A noite cheia de guirlandas de balões e fogos de bengala  
De lanternas verdes e vermelhas que dividem a viagem  
[em territórios de surpresa e mistério



... molhados, frios, as caras recebendo o vento da madrugada no mar, aquêles motor pulsando como um fiel coração. Duas aves de asas finas vieram de longe, das ilhas, passaram sobre meu telhado, em direção às montanhas da terra. De longe vinha um chilrear de pássaros despertando.

Dentro de casa, no silêncio, parecia ainda haver um vago eco das vozes que tinham falado na noite; os móveis e as coisas ainda respiravam a presença de corpos e mãos. E a poltrona abria os braços esperando recolher outra vez o corpo da mulher jovem. Apaguei as luzes, fiquei olhando o mar que a luz nascente fazia tímido. Uma brisa fresca me beijou. E havia um sossêgo, uma tristeza, um perdão, uma paciência e uma tímida esperança.

L "CR" M 435  
O HOMEM

CR 19.2.53  
DOS BURROS

A burrama está forte devido ao capim mimoso.

Foi em 1944. íamos em um trem muito lento, de Teresina para São Luís. A certa altura a máquina teve de parar para esfriar. "Se ela continuar, se derrete, me explicaram. Essa locomotiva é de bronze." Não acreditei; estaríamos sendo puxados pela estátua de uma locomotiva? "Pelo que já se gastou nesta estrada, moço, ela podia ter os trilhos de ouro". Mas o comerciante que me dizia essas coisas era muito chato. Preferi conversar com o homem dos burros.

Comprava-os a 400 cruzeiros em Cajazeiros, na Paraíba, vinha tocando pelo Ceará (Juazeiro, Crato, Santana) pelo Piauí (Jaicós, Picos, Teresina) e Maranhão (Caxias, Coroatá), isso fazem vamos dizer umas 250 léguas e se leva coisa de 36 dias, cada burro já chega a Coroatá valendo mais 400 cruzeiros e pesando menos uns 30 quilos. Um mês depois de invernado era embarcado em trem para São Luís, e ali em gambarras para Pinheiros, a 100 léguas de Belém do Pará. A essa altura o burro já está valendo 1.200 cruzeiros. Até ali em Coroatá dos 300 burros paraibanos já tinham morrido 14. O senhor pode calcular que 30 burros consomem um alqueire de milho num dia. Hein? Eu digo alqueire, 45 quilos. O milho não está caro, comprei a 6 cruzeiros 4 quilos. Uma burrama como essa de quase trezentos animais precisa de uns 30 homens para tocar. A cada homem eu pago 3 cruzeiros por dia, com tôdas as despesas por minha conta.

E o homem, paciente, com pena de minha ignorância me explicou que o burro é filho do cavalo com a jumenta. Burro com égua dá escancho, um burro pode cobrir 20, 30 éguas, não reproduz. Um burro bem zelado trabalha 30 anos, vive 40.

O comerciante entrou na conversa, falou dos impostos, se queixou outra vez da estrada, dos fretes, do govêrno, de tudo. O homem dos burros apenas sabia falar de burros — e na sua cara magra havia uma grande paz e conformação. "Negócio de levar burros já foi melhor, mas não é mau. E eu gosto de lidar com burros". Me ofereceu um cigarro de palha. Aceitei. Quietos, magros, simples, com seu bigode grisalho e sua roupa cáqui, êle não sabia que era um dêsses homens que ainda explicam e fazem a gente entender êsse absurdo tranqüilo que é a unidade nacional.



Em São Paulo, no elegante "reveillon" do "Stadium". As senhoras Cornélio Procópio, Feliz Kovarick, Dana Mendonça e o senhor Amadeu Saraiva.

## Soirée

IBRAHIM SUED

● Em uma elegante noitada no Golden Room do Copa, o novo imortal, senador Assis Chateaubriand, foi devidamente homenageado. Um jantar de 260 pessoas sentadas, tôdas as classes estavam representadas. Encontrei homens de letras como os senhores Aníbal Freire, Gilberto Amado, San Thiago Dantas, Manuel Bandeira. Políticos como os srs. Alencastro Guimarães, Marcondes Filho, Francisco Negrão de Lima e Arthur Bernardes Filho (um dos dez homens mais elegantes de 1954). Mulheres elegantes e muito bem vestidas, como as sras. Clotilde Melo Viana, Teresa Sousa Campos, Lourdes Catão e a srta. Carmen Teresinha Solbiati. Juristas como o sr. Nelson Hungria e diplomatas como os jovens Antônio Borges Castelo Branco e Gilberto Chateaubriand. O acontecimento organizado por um "petit-comité" foi liderado pelo sr. e sra. Spitzman Jordan, que neste momento se encontram no Velho Mundo.

● O sr. Jânio Quadros está de volta da Europa. Entre outras informações que recebi, uma delas me participa que o governador de São Paulo, saindo de seus hábitos, em Roma, foi visto em vários "night-clubs". A senhorita Lúcia Cruz Lima e o sr. Jorge Barrene estão se preparando para o casamento que acontecerá decididamente em abril.

● No aniversário da sra. Teresa Sousa Campos, o sr. Ari de Castro reuniu em seu bonito apartamento para uma champanhota antes do jantar. Como não podia deixar de acontecer, gastamos um pouco do estoque do "Dom Pe-

rigno" do anfitrião. Agradeço aos colonistas Matos Pacheco, de São Paulo, e Wilson Frade, de Belo Horizonte, o apoio que deram à minha lista dos dez homens mais elegantes de 1954. E por falar em colonistas sociais. A capital da República está completamente inflacionada de colonistas sociais e semi-sociais, o que tem dado oportunidade a muita gente que não é "bem" de figurar como grandes figuras do "society" carioca. Até a antipática dama de preto é citada como mulher bem vestida.

● De Paris, a notícia do noivado da senhora Mimi Ouro Preto com o Conde D'Arcagnes. O casamento será em abril. E já que falo em Paris, devo informar que a senhora Perla Lucena ainda não se casou e nem está de casamento marcado. Foi apenas um boato.

● No livro de Elsa Schiaparelli, há um longo capítulo dedicado ao senador Assis Chateaubriand e um trecho ao sr. e sra. Carlos Guinle e sua magnífica residência de veraneio em Petrópolis.

● Notícias rápidas: A sra. Aloísio Sales aniversariou devidamente. Também o senhor Tico Liberal, com muita champanhota. Em fevereiro, dia 9, Ali Khan deverá chegar ao Rio. Será hóspede do sr. e sra. Carlos Eduardo Sousa Campos, o casal mais elegante do Brasil. A srta. Jane Hime veio ao Rio. Deu uma festa, matou saudades e voltou para a Suíça, onde está estudando. Apesar dos boatos, Glória Vanderbilt e Frank Sinatra declararam aos jornalistas: "Somos apenas amigos..." A residência do sr. e sra. Baby Pignatary está em construção. Trata-se de um dos melhores projetos de arquitetura moderna, do sr. Oscar Niemeyer. No moderno apartamento do sr. Carlos Peixoto, têm acontecido almoços semanais, com "orquestra", "cajú amigo" e tudo. "Cajú amigo" é uma bomba que o sr. Peixoto inventou, para replicar ao "abacaxi louco" do sr. Mariozinho de Oliveira. Em março, deverá estar de volta dos "States" o sr. Luís Bastian Pinto, um dos mais simpáticos diplomatas do Itamarati. E por falar em Itamarati, o sr. Hugo Gouthier é um dos mais eficientes cónsules gerais do Brasil em New York, de todos os que já estiveram por lá.

● E hoje é só. Como sempre, contra a Petrobrás, contra a dama de preto e de malas prontas para Punta del Este.

Princesa Dona Fátima de Orléans e Bragança e a senhora Ministro Eugênio Gudin.

